

Da mudez à truculência: Uma breve história da linguagem conforme o ensaio sobre a origem das línguas

Bruna Frascolla

A pergunta de qual seja a origem da desigualdade entre os homens é um convite a imaginar a história do homem. Afinal, este que temos não é senão uma distorção do que ora foi, como a estátua de Glauco que o tempo, o mar e as tempestades desfiguraram de tal modo que ele se assemelhava menos a um deus que a uma besta feroz.¹

Restando apenas escombros, imaginar tem uma importância fundamental: assim como um artista de posse da estátua destruída pelo tempo a reconstrói por cima do que restou, o filósofo, tendo o homem moderno à sua frente, deve esforçar-se para enxergar nas suas feições as feições dos seus antepassados, imaginando um a partir do outro. Esta incumbência filosófica, por arbitrária que possa parecer, nada tem de descuidada; a imaginação aqui é meticulosa e visa ser um meio legítimo para se alcançar o estatuto de verdade – do contrário não ousaria Rousseau pôr-se frente ao Liceu de Atenas, com Platões por juízes e nada menos que o gênero humano de auditor², e dizer:

Ó homem, de qualquer lugar que sejas, quais que sejam tuas opiniões, escuta. Eis tua história tal como a cri ter lido, não dos livros dos teus semelhantes que são mentirosos, mas da natureza que não mente jamais.³

Este meio não serve só ao Discurso sobre a desigualdade, mas também ao Ensaio sobre a origem das línguas, fato que acarreta em ser narrada para nós uma história semelhante da humanidade nos dois

1. Cf. *Discours sur l'inégalité*, Préface.

2. Cf. *Discours sur l'inégalité*, Introduction.

3. *Discours sur l'inégalité*, Introduction.

livros, apenas com enfoques diversos; ou como diz Starobinski, “o Discurso sobre a desigualdade insere uma história da linguagem ao interior de uma história da sociedade; inversamente, o Ensaio sobre a origem das línguas introduz uma história da sociedade ao interior de uma história da linguagem”.⁴

Privilegiemos aqui este segundo enfoque, e trabalhemos sobretudo a história da linguagem.

Referindo-se aos “primeiros tempos”, Rousseau se explica dizendo o que entende por esta expressão: “aqueles [tempos] da dispersão dos homens, em qualquer era do gênero humano em que se queira fixar a época”⁵. Como bem sabemos que não há fala entre solitários dispersos, vemos desde já que o homem começa sua história mudo, sendo natural então a pergunta de como ele começou a falar. A tese corrente à época era a de Condillac, que pretende que a fala humana tenha se desenvolvido em duas ou três gerações, sendo assim quase imediata à existência do homem. Toda essa rapidez decorreria de um caráter de necessidade das línguas: elas seriam necessárias tanto ao desenvolvimento do pensamento quanto ao da sociedade. Em contrapartida, Rousseau imagina que o homem tenha tido dificuldades quase insuperáveis para que desenvolvesse a linguagem: é mais fácil que ela, de tão complexa, requeira um pensamento desenvolvido, resultando então em que, se a linguagem é necessária ao pensamento, o desenvolvimento da linguagem será necessário ao desenvolvimento da linguagem. Um outro impasse é o de que uma língua requer convenção para os significados das palavras, e convenções requerem sociabilidade, donde teremos assim que a palavra terá sido necessária para estabelecer o uso da palavra.⁶

4. Rousseau et l'origine des langues, pág. 356.

5. E.O.L., chap. IX.

6. Cf. *Discours sur l'inégalité*, I partie.

De fato, surgem questões embaraçosas: Rousseau chega mesmo a dizer

Quanto a mim apavorado com dificuldades que se multiplicam, e convencido da impossibilidade quase demonstrada de que as línguas tenham podido nascer e se estabelecer por meios puramente humanos, eu deixo a quem quiser empreendê-la a discussão desse difícil problema, qual foi a mais necessária, [1] a sociedade já ligada, [mais necessária] à instituição das línguas, ou [2] as línguas já ligadas, [mais necessárias] ao estabelecimento da sociedade.⁷

No entanto, nem a menção a uma possibilidade de intervenção extra-humana – quiçá divina – nos deve convencer de que ele apele para ela ou mesmo de que abandone a questão. Passemos ao Ensaio sobre a origem das línguas (que já pelo seu título nos mostra que o abandono da questão foi apenas retórico).

Voltemos à imaginação e vejamo-la um pouco mais:

A piedade, bem que natural ao coração do homem, permaneceria eternamente inativa sem a imaginação que a põe em jogo. Como nos deixamos comover com a piedade? Em nos transportando para fora de nós mesmos, em nos identificando com o ser que sofre. Nós não sofremos senão quando julgamos que ele sofre; não é em nós, é nele em que nós sofremos.⁸

Além de imprescindível à filosofia de Rousseau, ela é também imprescindível à socialização, pois como não temos acesso aos sentimentos e sensações de outrem, é necessário imaginá-los todos. Por isso não podemos ter sem imaginação sequer o sentimento natural do homem que é a piedade, uma vez que ele decorre do transporte imaginário para fora de nós mesmos ao identificarmos-nos com o ser que sofre. Mas esse transporte não é necessário somente à piedade; só podemos tomar qualquer atitude social para com determinada pessoa

7. Discours sur l'inégalité, I partie, p. 208-209.

8. E. O. L., chap. IX., p.83 e 84.

se imaginarmos que ela tem sensações – pois não temos qualquer prova disso – e mais ainda, que ela tem determinadas sensações e especular o que ela sentiria se tomássemos tais e tais atitudes. Esse transporte é então necessário para que desenvolvamos não só a piedade mas também os mais diversos sentimentos relacionado a outro indivíduo: “Aquele que nunca refletiu não pode ser nem clemente, nem justo, nem piedoso; ele pode tão-pouco ser malvado e vingativo”⁹. Assim, não posso, p.ex., ser justo se não me imaginar injustiçado, nem vingativo se não me imaginar sofrendo de uma determinada maneira no lugar daquele que quero que sofra. De maneira decisiva, Rousseau fala enfim da dependência que a sociabilidade tem da imaginação: “Aquele que não imagina não sente senão ele próprio; ele é só no meio do gênero humano”¹⁰ – solitário como aquele que está entre coisas inanimadas.

Agora vejamos então a vida do homem mudo.

A Bíblia nos fala – e isso Rousseau é obrigado a aceitar – que o homem começa sua existência falando, e que assim permanece por muito tempo; afinal, segundo a palavra revelada, é fato que Adão e Noé falavam. No entanto, já vimos que ‘primeiros tempos’, por contraditório que possa parecer, não significa ‘tempos mais antigos’, mas sim qualquer era, desde que os homens tenham estado dispersos nela. Além disso, já sabemos, a grande dificuldade está em sair da mudez; de que entrar nela seja tão difícil não temos nenhum sinal. Rousseau não obstante o tinha, ávido que era por relatos de viajantes, e diz “viu-se em ilhas desertas solitários esquecerem sua própria língua: raramente depois de muitas gerações, homens fora de seu país conservam sua primeira linguagem, mesmo tendo trabalhos comuns e vivendo entre ele em sociedade”¹¹. Os homens então podem desaprender a fala, fato que

9. E. O. L., chap. IX, p.84.

10. Idem.

11. E. O. L., chap. IX, p. 87.

aconteceu: “Dispersos neste vasto deserto do mundo, os homens recaíram na estúpida barbárie onde eles se encontrariam se fossem nascidos da terra”¹². Assim sendo, vemos que é indiferente aqui a origem divina do homem; que o que somos é decorrente agora do estado em que os homens estiveram como se fossem simplesmente nascidos da terra. Passemos pois aos primeiros tempos, da maneira que Rousseau os entende.

Na sua dispersão, com alguma família já estabelecida, todas as figuras que cercavam o indivíduo eram nada mais que rotineiras, e através do incesto famílias podiam viver isoladamente dando origem a novas gerações sem contato com seres estranhos. Assim, o que se passava entre os homens de então era que apenas a tendência natural era suficiente para uni-los sexualmente, e ao invés de preferência pelo outro, tinham hábito.

Imagine-se então um cenário meridional de muitos anos atrás para uma origem das línguas: água abundante, solo fértil com conseqüente vegetação profusa, rica de alimentos, e um clima que, longe de frio ou escaldante, chame-se de “doce”. Quanto ao homem, considere-se o como “saído das mãos da natureza”¹³, e também que segundo Rousseau “o selvagem é caçador, o bárbaro é pastor e o homem civil é trabalhador”¹⁴. Aquele que principiaria a fala nesse cenário maravilhoso seria o bárbaro, que, indo ao rio dar de beber ao rebanho, encontraria um ser que escaparia ao seu hábito: uma moça de outra família que iria também lá pegar água. Assim,

...olhos acostumados aos mesmos objetos desde a infância começaram a vê-los mais doces. O coração se comoveu com esses novos objetos, uma atração desconhecida lhe tornou menos selvagem, ele sentiu prazer

12. Idem.

13. E. O. L., chap. IX, p. 89.

14. Idem.

de não estar só. A água se tornou insensivelmente mais necessária, o rebanho teve cedo mais frequentemente; chegava-se com pressa, partia-se com pesar.¹⁵

O que desperta interesse aqui é a novidade, a curiosidade que gera um ser nunca antes visto dentro do universo restrito frequentado pelo outro. É possível que nos comuniquemos por gestos para exprimir necessidades corriqueiras; assim vivia a família. As paixões no entanto demandam mais do que os gestos: por isto aqui elas são o que tiram o homem de sua mudez. (Falando sobre a assimetria entre a comunicação visual e a auditiva, Rousseau usa como exemplo a diferença entre ver um doente padecendo e ouvir dele o seu relato sobre seu padecimento. Nesta última situação é fácil chorar sua desgraça, ao passo que dificilmente alguém vê um doente e chora.)¹⁶

Através dessa reconstituição imaginária da história (ou do rosto de Glauco, na nossa metáfora), sai-se facilmente daqueles impasses propostos pela aceitação de Condillac, pois, diz-nos Rousseau contestando-o, “fazem-nos da linguagem dos primeiros homens línguas de geômetras, e vemos que elas foram línguas de poetas”¹⁷, pois começa-se primeiro a sentir, e depois a raciocinar. Para uma “língua de geômetras” sim seriam necessários o pensamento desenvolvido e as convenções para os significados; se considerarmos, no entanto que essa linguagem era na realidade de poetas, que seguiam antes a eufonia que a gramática, os impasses caem por terra.

Houve pois um tempo áureo da linguagem. No Ensaio sobre a origem das línguas é tratada também a música justamente por conta da relação estreita que essa teria tido com as línguas, sendo a origem de ambas uma só: as inflexões proferidas pelos pastores no rio eram

15. E. O. L., chap. IX, p. 95.

16. Cf. E. O. L., chap. I.

17. E. O. L., chap. II.

ao mesmo tempo melódicas e comunicativas. Mas por mais que possamos alongar-nos sobre sua musicalidade, o que pode realmente expressar esse período como áureo é a capacidade que as línguas tinham de comunicar plenamente, e a consequente força política de sua eloquência:

Tal, por saber ler um pouco de árabe, sorri folheando o Alcorão que, se ele tivesse ouvido Maomé anunciá-lo em pessoa nessa língua eloquente e cadenciada, com essa voz sonora e persuasiva que seduzia a orelha antes do coração, e sem cessar animando suas frases com o acento do entusiasmo, ter-se-ia prosternado contra a terra gritando: grande profeta, enviado de Deus, conduzi-nos à glória, ao martírio, queremos vencer ou morrer por vós. (...) Nossas línguas, ao invés de inflexões para os inspirados, não têm senão gritos para os possuídos do diabo.¹⁸

Rousseau é explícito aqui quanto à superioridade do árabe antigo frente às línguas europeias modernas no que diz respeito à capacidade de atingir o ouvinte. Outro ponto a que devemos nos ater, ainda no âmbito político, é a capacidade que as línguas antigas como o grego arcaico e o latim permitiam que os cidadãos fossem reunidos em assembleia e que um falasse a todos, sendo escutado mesmo que tivesse por único instrumento físico a voz:

Entre os antigos as pessoas se faziam entender facilmente ao povo sobre a praça pública; falavam-lhe todo um dia sem se incomodar. Os generais discursavam¹⁹ às suas tropas; eram entendidos e não se esgotavam. (...) Que se suponha um homem discursando em francês ao povo de Paris na praça de Vendôme. Que ele grite a plenos pulmões, entenderão que ele

18. E. O. L., chap. XI

19. A tradução literal para 'haranguant', ao invés de 'discursavam', seria 'arengavam', que vem de 'arenga', significando esta tanto "discurso ou oração proferidas em público" quanto, mais usualmente, "discurso fastidioso, cansativo; lengalenga" (Dicionário Houaiss, p. 282). Quanto à sua etimologia, vemos que está atrelada a um significado militar: "prov. do germ. *harihrings 'reunião de exército', do qual teria resultado *arerenga e, por hapl., o lat.medv.arena 'discurso pronunciado em reuniões (inicialmente, do exército)". Devido ao seu duplo sentido mais comum, errôneo neste contexto, preferi traduzir por discursar.

grita, mas não distinguirão palavra. Heródoto lia sua história aos povos da Grécia reunidos (assemblés) em pleno ar livre, aos aplausos estrondosos.²⁰

Cada povo tem a língua que lhe convém²¹. Se as línguas da antiga Grécia e da antiga Roma tinham tanto poder e permitiam aquele diálogo público e intenso era porque seus povos eram livres; mais ainda, eram o que Rousseau chama de ‘peuples assemblés’, povos que se reúnem em assembleia. É bem certo que o Contrato Social não prega que deva haver um modelo padrão, e sim prescreve formas de governo para diferentes tipos de povos, variando, p. ex., no tamanho de sua população, de sua extensão e na qualidade do solo que habita; mas se não é possível eleger um melhor governo, é possível eleger o melhor governo que convém ao que podemos chamar do povo mais perfeito, e o sabemos qual é, pois consta no Contrato: “Se houvesse um povo de Deuses, ele se governaria democraticamente”²². Democrático, entenda-se, é o governo em que as leis são decididas e executadas por cada cidadão, sendo tanto as decisões quanto as execuções discutidas, naturalmente, em assembleia²³. Ainda falando dos tempos antigos, Rousseau menciona no *Ensaio*²⁴ que era a persuasão o que dava força pública, e para que se seja realmente persuasivo é necessária a eloquência. Se a persuasão cai enquanto fonte de força pública, cai também a necessidade de eloquência, e como “as línguas se formam naturalmente sobre as necessidades dos homens; elas mudam e se alteram segundo as mudanças dessas mesmas necessidades”, extingue-se aquela eloquência de Maomé.

20. E. O. L., chap. XX.

21. Cf. E. O. L., chap. XX : “Esses progressos não são nem fortuitos, nem arbitrários, eles decorrem das vicissitudes das coisas. As línguas se formam naturalmente sobre as necessidades dos homens; elas mudam e se alteram segundo as mudanças dessas mesmas necessidades.”

22. C.S., livre III, chap. IV.

23. Cf. C. S., livre III, chap. IV.

24. Cf. chap. XX.

Forçosamente então o motivo dessa degeneração das línguas não foi outro senão o da mudança das necessidades: afinal, para que servem engenho e arte se canhões se fazem muito bem entendidos e respeitados? Quanto às assembleias, não mais há também por não haver necessidade: melhor é para dominar o povo deixá-lo disperso, e como nada há para debater com ele, restam-lhes apenas sermões para os quais também não é necessária qualquer eloquência. A linguagem, cada vez menos necessária, pode mesmo restringir-se, no âmbito público, a cartazes na esquina dizendo “Deem dinheiro!” e a soldados nas casas exigindo-o²⁵. Ilustrando isto está a dificuldade que temos em nos comunicar a distância – mesmo em recintos pequenos e com público tão menor que o número de atenienses ou de uma tropa dispersa ao ar livre, nossa comunicação é penosa sem tecnologia.

A história então tem início e fim coincidentes: sai-se de uma primeira dispersão natural ao homem e uma conseqüente mudez para uma outra dispersão causada por ele próprio, com sua outra mudez, vivendo apenas com a linguagem simples da truculência.

Referências bibliográficas

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discours sur les fondements et les origines de l'inégalité parmi les hommes. Manchecourt: Garnier-Flammarion, 2006.

_____. Essai sur l'origine des langues. Manchecourt: Flammarion, 2001.

_____. Du Contrat Social. França : Aubier, 1943.

STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau : la transparence et l'obstacle suivi de sept essais sur Rousseau. Saint-Amand : Gallimard, 2009.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. 1ªed, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

25. Idem.